

Ançã, M. H. (2012). Insularidades em contexto migratório português: O papel da Língua Portuguesa. 18º Colóquio de Lusofonia, organizado pela Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia e Academia Galega de Língua Portuguesa (s/pp.) (versão CD-ROM). Espanha, Ourense (5-7 outubro 2012).

## **INSULARIDADES EM CONTEXTO MIGRATÓRIO PORTUGUÊS: O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Maria Helena Ançã ([mariahelena@ua.pt](mailto:mariahelena@ua.pt))

Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores/Universidade de Aveiro

### **Resumo**

O termo 'insularidade,' em contexto migratório, pode remeter para o modo de estar e de sentir de alguns estrangeiros, quando o não domínio da língua portuguesa (LP) e das regras socioculturais, neste caso, em Portugal, constituem uma barreira real ou imaginada. Assim, escolhem viver na 'sua ilha' e interagem quase exclusivamente no seio da sua comunidade de origem. Pelo contrário, outros optarão por conservar as suas referências maternas e acrescentar a estas novas referências da sociedade de acolhimento

A fim de ilustrar estas duas situações, apresentaremos um estudo do qual seleccionámos duas participantes: uma cabo-verdiana e uma chinesa. Nas suas narrativas são relatados os seus percursos linguísticos e de integração e cuja análise incidiu sobre dois eixos temáticos: *consciência etnolinguística* e *integração* que se especificam, posteriormente, em outros eixos subsequentes.

As narrativas registadas traduzem percursos distintos, quer na LP quer na sociedade portuguesa, com posturas também singulares face à(s) sua(s) LM(s) e ao lugar ocupado por esta(s) no (re)desenho das suas identidades. Paradoxalmente, a locutora cabo-verdiana é aquela que manifesta mais fortemente a sua insularidade, não obstante viver há vários anos em Portugal e ter nascido num país de língua oficial portuguesa.

**Palavras-chave:** LP, insularidades e imigração, identidade.

### **1.Introdução**

No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. 5, Morais (1949: 994) define **insularidade** como "a qualidade do que é insular", ou seja, "tornar igual ou semelhante a ilha". Nesta conformidade, *insulares* serão também os cidadãos estrangeiros que chegam a Portugal, movendo-se pouco ou nada na língua do país de acolhimento. Na sua trajetória de integração podem optar por manter a sua insularidade, fechando-se sobre a sua língua e cultura e interagindo apenas no seio da sua comunidade de origem, ou, pelo contrário, mesmo conservando as suas referências maternas, fazem pontes e cruzamentos entre o seu passado linguístico e cultural e o seu presente/futuro na sociedade de acolhimento, (re)modelando, assim, uma nova identidade.

Como afirmam vários autores (Byram, 2006; Deveau, Landry e Allard, 2005) as línguas são símbolos de identidade e usadas pelos falantes para marcar as suas (diferentes) identidades sociais, dado que cada um pertence a vários grupos sociais, e também (etno)linguísticas. Estas últimas apontam para componentes distintas, como a 'autodefinição' (*quem sou eu?* em diferentes planos e situações) e o

'engajamento identitário', remetendo para a significação afetiva dessa identidade (Deveau, Landry e Allard, 2005).

Nesta perspetiva, parece-nos oportuno introduzir o conceito de 'consciência etnolinguística', um pouco na linha de Dabène (1994: 103). Para esta autora, este tipo de consciência permite ao sujeito relacionar o seu repertório linguístico com a sua definição identitária, considerando a língua um elemento "geneticamente constitutivo da sua personalidade"<sup>1</sup> e ainda uma marca de pertença a uma dada comunidade.

Em contextos migratórios, as identidades vão ganhando novos contornos sociais, culturais e linguísticos, constituindo "nouveaux territoires intimes, nouveaux passages vers l'altérité" (utilizando as palavras de Gohard-Radenkovic e Rachedi (2009), retiradas do subtítulo da obra *Récits de vie, récits de langues et mobilités*). As línguas, com efeito, são apropriadas, e apropriam-nos, nos novos territórios de acolhimento e entram na nossa história de vida, marcando novos traços da nossa personalidade e identidade.

No entanto, é necessário que a integração, em território alheio/ nosso território agora, seja uma das finalidades das nossas vivências e que sobre ele um espaço de partilha se construa, sob pena de isolamento (no seu nicho, sua ilha?). Como afirma Pena Pires, a integração designa "o modo como os actores são incorporados num espaço social comum" (2003:13).

A propósito de um estudo com três jovens africanos<sup>2</sup>, estudantes na Universidade de Fribourg, e no quadro de narrativas [de vida], Gerber clarifica a terminologia, preferindo a palavra 'adaptação' a integração. Trabalhando sobre narrativas que são, pela sua natureza, subjetivas, o termo adaptação parece ser mais preciso e adequado:

"Les stratégies [d'adaptation] que nous avons identifiées répondent à des tensions perçus par nos interlocuteurs – dont ils ont eux-mêmes fait l'expérience ou, plus généralement, vécues par le groupe social de "l'étranger visible" auquel ils s'identifient (ou non)" (2009:251)

Por outro lado, e ainda segundo a mesma autora, a narrativa, transmissora de representações individuais, não permite julgar efetivamente o grau de integração dos informantes, mas apenas as percepções das estratégias que utilizaram para "négocier leur place dans la société d'accueil" (Gerber, 2009:251).

## 1.0 estudo

Este trabalho enquadra-se num estudo mais vasto<sup>3</sup>, do qual apenas seleccionámos duas jovens imigrantes em Portugal: CV e CH.

CV é uma cabo-verdiana de 34 anos, auxiliar de educação numa Escola do 1º Ciclo, nos arredores de Lisboa. Veio para Portugal há 13 anos. Diz ter o nível de escolaridade correspondente ao 10º ano. Considera sua LM o Crioulo Cabo-verdiano, porque foi a língua com que cresceu, "a primeira língua, a língua do país de origem";

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

<sup>2</sup> Respetivamente da Etiópia, de Marrocos e do Togo.

<sup>3</sup> *Aproximações à Língua Portuguesa: atitudes e discursos de não nativos residentes em Portugal* (POCI/CED/56110/2004), projeto coordenado por M. H. Ançã.

CH é uma chinesa de 17 anos que frequenta o 10<sup>o</sup> ano, em Aveiro. Ajuda também os pais no restaurante de que estes são proprietários, residindo esta família em Portugal há apenas 3 anos. Considera o Chinês e o Português como LMs, porque são as línguas que fala melhor e que usa “normalmente”.

Com cada uma destas duas jovens foram realizadas entrevistas semidiretivas, respetivamente na escola onde trabalhava CV e no restaurante dos pais de CH.

Para analisar as suas narrativas elegemos dois eixos temáticos, a saber:

1. ‘consciência etnolinguística’ que contempla a ‘afetividade face às línguas’ (LP e LM/língua materna) e a ‘identidade pelas línguas’ (LP, LM);
2. ‘integração’ que se abre em ‘ancoragem’ e ‘rota’. A primeira representa a forma pela qual a integração é/não é facilitada e processa-se de duas modalidades: modalidade referencial, conhecimento do mundo, da cultura (erudita e/ou do quotidiano), mas também de amigos, familiares; e modalidade linguística, o elo através de (algum) conhecimento da língua<sup>4</sup>. Por seu turno, a ‘rota’ consolida-se com expectativas e projetos futuros na LP/pela LP (permanecer em Portugal, partir para outros países de LP...)

Esquematizando:

#### **Eixos de análise**

1. Consciência etnolinguística
    - 1.1. ‘afetividade face às línguas’
    - 1.2. ‘identidade pelas línguas’
  2. Integração
    - 2.1. ‘ancoragem’
    - 2.2. ‘rota’
- (Ançã, 2007).

Passemos, então, à análise das narrativas de CV e CH.

#### **Consciência etnolinguística**

No campo ‘afetividade’, CV centra-se no Crioulo unicamente, não sendo identificada, neste âmbito, a LP. O Crioulo é referido com bastante densidade, porque, por um lado, é mais “natural” e espontâneo (“Falo Crioulo porque eu sinto mais natural”, “Sai automaticamente”), por outro, porque o Crioulo remete para a vida, infância, adolescência, solo materno (“é a alegria, o bem-estar, sei lá, é muita coisa, infância, é adolescência, os amigos, “a terra, é saudade”).

CH tem um forte sentimento de pertença em relação ao Chinês. Focaliza-o com orgulho e alguma nostalgia, pela distância geográfica sentida pela própria e pela distância que a sua língua e cultura apresentam para a maioria dos portugueses:

“O Chinês é propriamente a minha LM, (...) sempre gostei e sei falar bem, aprendi desde pequena.”,  
“Às vezes (...), há, por exemplo, aqui no restaurante, (...) pessoas [que dizem]: “Olha eu sei falar

---

<sup>4</sup> Em suma, pretende-se responder a estas questões: de que forma o conhecimento do meu mundo/língua ajuda a minha integração em Portugal? de que forma o conhecimento de outros mundos/línguas ajuda a minha integração em Portugal?

Chinês!” não é assim falar bem, mas é umas palavras, uma pessoa sente-se, olha: ele sabe um bocadinho cultura do meu país... sente-se mais contente”.

Quanto ao Português, CH refere-se muito positivamente, afirmando, por três vezes, gostar muito da LP e, além disso, ter jeito (“ Eu acho que tenho jeito para Português, nem sei bem porquê, mas tenho”). De salientar ainda as referências ao Francês, que compara com o Português em termos de línguas próximas (“Para o Francês, a LP dá um bocadinho de jeito (...) são línguas da mesma origem”), mas do qual ‘não gosta tanto’ como do Português.

No campo ‘identidade’, encontramos marcas, quer no discurso de CV quer no de CH.

CV, curiosamente, refere a LP como parte de uma ‘identidade’ adquirida no passado e em construção no presente (“é lembrar da nossa História, (do) que fomos, colonização, imigração”, “é ser um bocadinho cidadão europeu”). Em CV, o Crioulo, sua LM, representa as raízes profundas da sua identidade: “Falar Crioulo é ser cabo-verdiana”, “[é] ser badia<sup>5</sup>, é ser africana”.

Para CH, a primeira língua e a primeira terra são os pilares da sua identidade: “Eu acho que a LM é a primeira língua (...), contacto, depois de nascer”, “[A China] é o país onde nasci, uma pessoa tem sempre uma relação especial com aquela terra”. Contudo, vivendo em Portugal, praticamente não fala Chinês: “Preciso muito mais de Português do que Chinês”.

Verificamos, por conseguinte, que a falante CV apresenta laços afetivos e identitários muito marcados com a sua LM. Na sua voz, a LP representa o passado colonial, sem já o peso ideológico do colonialismo, mas como uma pequena porta para o exterior, uma nova identidade em construção (“[é] ser um bocadinho cidadão europeu”). Em CH, os laços com o Chinês também são evidentes, embora de uma forma, por ventura, mais mítica pelo geograficamente longínquo, e por ter deixado o país natal muito jovem, aos 13 anos e meio. Contudo, a LP é, no presente, a referência quotidiana, enquanto o Chinês, língua de herança, será a matriz e o simbólico. Se, primeiramente, CH afirmou que ambas as línguas eram suas LMs, no decurso da entrevista, os espaços aparecem distintos, embora cruzados: as fortes raízes familiares a que se juntam as novas raízes que começam agora a crescer.

## **Integração**

Como já mencionado, este eixo abre-se em duas vias: ‘ancoragem’, ou seja, a forma pela qual a integração foi facilitada (por elos referenciais ou por elos linguísticos) e ‘rota’, projetos/destinos futuros com a LP.

Assim, a ancoragem referencial é muito nítida em CV e muito ténue/inexistente em CH.

Para CV, partindo do pressuposto de que onde há cabo-verdianos, há solidariedade, chegar a Portugal e encontrar parentes ou amigos de amigos facilitou muito: “Mesmo os cabo-verdianos não tendo cá familiares, já têm conhecidos, já têm um amigo (...) já têm um amigo do amigo”. Por outro lado, “já estava preparada”, de algum modo, para viver em Portugal, “porque na escola aprendemos coisas cá de Portugal” (...), “da cultura”.

Para CH, a integração no início, “custou um bocadinho” porque “não conhecia nada”: “É muito complicado viver no meio de pessoas estranhas”, mas rapidamente se adaptou através da Escola e dos

---

<sup>5</sup> Natural ou habitante de Santiago.

colegas e amigos que foi conhecendo. Aliás, a Escola desempenha um papel muito positivo na convivência entre nativos e não nativos (Reste e Ançã, 2011).

Quanto à ancoragem linguística, as perspetivas são diferenciadas, como expectável. CV conhecia já a língua e um pouco da sociedade portuguesa, enquanto CH não tinha quaisquer conhecimentos.

CH sublinha que a colonização “trouxe coisas boas”, e a LP foi, sem dúvida, uma delas. Chegar a Portugal e saber comunicar, “facilita as coisas”. No entanto, como diz também em relação à LP, nunca necessitou muito de usar esta língua, enquanto estava em Cabo Verde, dado falar sempre Crioulo (“Em Cabo Verde falamos Crioulo no dia a dia”), só quando chegou a Portugal, se apercebeu da sua importância:

“Depois de eu ter vindo para cá, eu percebi melhor o Português, qual é a necessidade de falar, qual a importância de falar o Português e de saber falar Português (...) porque são falhas que no meu caso trouxe desde a escola, nunca, nunca dei muita importância, n’ é? até que eu tenho dificuldades em falar Português (...)”

As dificuldades linguísticas, que a locutora CV diz sentir, nunca foram colmatadas. Não investiu posteriormente numa aprendizagem mais sistemática da LP, como fazem alguns estrangeiros, nomeadamente os ucranianos que investem numa autoaprendizagem e/ou procuram aulas de LP em Centros ou Associações, em Portugal (Ançã, 2008). Este facto leva CV, de algum modo, a fechar-se na ‘sua ilha’ e a contactar essencialmente com cabo-verdianos, seus vizinhos e amigos.

Quanto a CH, quando chegou a Portugal, não sabia falar a língua do país. Sentia-se de princípio muito sozinha. Contudo, por frequentar a Escola, com rapidez aprendeu a LP, e cedo se sentiu falante desta nova língua, tendo compreendido imediatamente que esta seria uma ‘chave’ para a sua inserção e sucesso escolar e social. Desde logo a considerou LM a par do Chinês.

Podemos concluir que a LM e os saberes referenciais anteriores não tiveram grande impacto nestas entrevistadas. No entanto, CH ultrapassou as barreiras socioculturais e linguísticas, porque o meio em que se movia lhes facilitou a descoberta e a construção de âncoras. CV, com um percurso linguístico que passou (muito?) <sup>6</sup> pela LP e possuindo várias referências culturais, é aquela que parece menos ‘ancorada’. Trabalha num bairro e numa escola onde predominam cabo-verdianos e os seus amigos são principalmente de Cabo Verde.

Recuperando Gerber (2009), podemos afirmar que as estratégias de adaptação de CH para se ancorar na sociedade portuguesa passaram pela grande vontade e predisposição (nas suas palavras), para a aprendizagem da LP. Quanto a CV, apenas lamenta as suas fracas competências em língua (do seu ponto de vista), limitando-se a ouvir falar Português para ‘aprender qualquer coisa’ (“ouvindo as pessoas”, “estar atento”).

No que toca à ‘rota’, perspetivada esta como inscrição no futuro, apresenta-se deste modo: a rota de CV é vaga, afirma querer ficar em Portugal e “ir a Cabo Verde, só de férias”. Pelo contrário, no caso de CH, a rota está traçada. CH pretende licenciar-se em Medicina, em Portugal, ser médica neste país, mas põe a hipótese de ir à China aprender Medicina Oriental e voltar para Portugal com os novos conhecimentos: [quero]“aprender alguma coisa lá e depois voltar para cá”.

---

<sup>6</sup> O Português é ainda a única língua oficial em Cabo Verde, embora se estejam a criar condições para que o Crioulo tenha o mesmo estatuto.

Sintetizando: no campo 'integração' as duas vias, ancoragem e rota, que a sustentam, vão a par. De um lado, temos CV, do outro lado, CH. CV isola-se na sua insularidade, revendo-se apenas nos seus pares, é imprecisa, não quer ter muita ambição, pretende somente permanecer em Portugal, sem grandes projetos. A outra jovem define a sua rota, com amarras cada vez mais sólidas a Portugal, sem, no entanto, se desligar da herança do Oriente.

### 3.Comentário final

Como pudemos constatar, os modos de viver *insularidades* são distintos nestas duas jovens entrevistadas. A cabo-verdiana que vive em Portugal há mais de uma década, e aprendeu em Cabo Verde a língua oficial, não considerou necessário desenvolver competências de adaptação linguística, – embora não tivesse tido uma prática diária de LP no país natal –, nem desenvolveu competências de adaptação a nível sociocultural. O seu (não?) saber-viver na língua e no território transformou os seus horizontes numa espécie de fronteira. Digamos que a adaptação é um patamar anterior à integração, no qual o sujeito desenvolve estratégias e competências que conduzem à integração propriamente dita. Foi o caso de CH, que tendo chegado a Portugal sem quaisquer saberes anteriores, em pouco tempo construiu sólidas âncoras, que tornaram a sua ilha num lugar mais amplo e habitável, onde o ocidente e o oriente se cruzam, mas não se fecham.

### Referências bibliográficas

Ançã, Maria Helena (2007), "Ser e estar nas línguas: relato de três mulheres imigrantes em Portugal". In Ana Paula Pedro, António Martins e Carlos Fernandes (coord.). *Congresso Educação e Democracia. Representações sociais, práticas educativas e cidadania*. Aveiro: Departamento de Ciências da Educação/Universidade de Aveiro, 389-397 (CD-ROM).

Ançã, Maria Helena (2008), "Apropriação da Língua Portuguesa: o exemplo de um público ucraniano adulto e jovem adulto". In Paulo Osório e Rosa Meyer (orgs. e coords), *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira – Da(s) Teoria(s) à(s) Prática(s)*. Lisboa: LIDEL Editores, 119-137.

Byram, Michael (2006), *Langues et identités. Étude préliminaire. Langue de scolarisation*. Strasbourg: Division des Politiques linguistiques.

Dabène, Louise (1994), *Repères sociolinguistiques pour l'enseignement des langues*. Paris : Hachette.

Deveau, Kenneth, Rodrigue, Landry et Allard, Réal (2005), "Au-delà de l'autodéfinition. Composantes distinctes de l'identité ethnolinguistique" in *Érudit*, 20, 79-93 (<http://erudit.org/apropos/utilisation/htm>, acedido em 16/08/2012).

Gerber, Alexandra (2009), "Le récit de vie, un récit initiatique révélateur d'un double processus de médiation. Le cas d'étudiants africains dans le contexte fribourgeois". In Aline Gohard-Radenkovic, et Lilyane Rachedi (dir.) *Récits de vie, récits de langues et mobilités. Nouveaux territoires intimes, nouveaux passages vers l'altérité*. Paris: L'Harmattan, 251-267.

Gohard-Radenkovic, Aline et Rachedi, Lilyane (dir.) (2009), *Récits de vie, récits de langues et mobilités. Nouveaux territoires intimes, nouveaux passages vers l'altérité*. Paris: L'Harmattan.

Morais Silva, António (1949), *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, vol. 5. Lisboa: Editorial Confluência.

Reste, Carmen D. e Ançã, Maria Helena (2011), "Gostar da pessoa pelo que ela tem dentro...relações de convivência entre alunos autóctones e alunos estrangeiros" in *Indagatio Didactica*, Vol.3, 1 (<http://portal.doc.ua.pt/journals/index.php/ID/article/view/Article/917>, acedido em 16/03/2011).

Pena Pires, Rui (2003), *Migrações e Integração*. Oeiras: Celta Editora.